

Mallarmé e o simbolismo

Enviado por J. Dantas de Oliveira
06-Out-2014
Atualizado em 06-Out-2014

O simbolismo foi um movimento literário que atingiu principalmente a poesia, entre meados do século XIX e início do século XX. Suas manifestações mais eloquentes se deram na França, especialmente com Stéphane Mallarmé (1842-1898), considerado lá o mestre da geração simbolista. Da França, a influência do movimento se espalhou pelo mundo ocidental, e fez seguidores também na língua de Camões; em Portugal e no Brasil os nomes mais significativos dessa corrente foram, respectivamente, Eugênio de Castro (1869-1944) e Cruz e Souza (1861-1898).

Privilegiavam os simbolistas o subjetivismo, o imaginário, as nuances, a imprecisão e a musicalidade dos versos. De la musique avant toute chose (Música antes de tudo), dizia-se a respeito da estética do simbolismo, que correspondeu, na pintura e na música, ao chamado impressionismo, tanto que um dos maiores compositores impressionistas franceses, Claude Debussy (1862-1918), fez uma transposição musical, belíssima, do poema de Mallarmé L'Après-mid d'un faune (A tarde de um fauno). Essa corrente poética, de um modo geral, exatamente por causa do tom sombrio, da imprecisão e das nuages (nuvens) e nuances que a caracterizavam em oposição ao realismo, teve grande sucesso no clima temperado europeu, ao contrário do que sucedeu aqui, sub Equinocia (abaixo do Equador, ou seja, nos trópicos). Tanto que o maior poeta simbolista brasileiro, Cruz e Souza, não por acaso nasceu numa das regiões mais frias do país, em Santa Catarina. A título de ilustração, vou me aventurar a traduzir um dos poemas de Mallarmé (Brise marine), apesar de ciente das dificuldades que rondam a tradução de um texto poético. Por isso mesmo fiz uma tradução livre, com a métrica original, de versos alexandrinos (doze sílabas), mas sem rimas, ao contrário do texto em francês, que tem rimas emparelhadas. Abaixo, o original e a minha despretenhosa tradução:

Brise marine

La chair est triste, hélas! et j'ai lu tous les livres.

Là-bas, fuir! Je sens que des oiseaux sont ivres

D'être parmi l'écume inconnue et les cieux!

Rien, ni les vieux jardins reflétés par les yeux

Ne retiendra ce coeur qui dans la mer se trempe

Ô nuits! ni la clarté déserte de ma lampe

Sur le vide papier que la blancheur défend,

Et ni la jeune femme allaitant son enfant.

Je partirai! Steamer balançant ta mâture

Lève l'ancre pour une exotique nature!

Un Ennui, désolé par les cruels espoirs,

Croit encore à l'adieu suprême des mouchoirs!

Et, peut-être, les mats, invitant les orages

Sont-ils de ceux qu'un vent penche sur les naufrages

Perdus, sans mâts, sans mâts, ni fertiles îlots...

Mais, ô mon coeur, entends le chant des matelots!

Brisa marinha

Prazeres não me atraem, li todos os livros.

Fugir, fugir pr'á longe! As aves estão ébrias

De estar entre a desconhecida espuma e os céus!

Nada, nem os jardins refletidos nos olhos

Reter-me-á o coração que ao mar se lança,

Noite, nem o fulgor deserto desta lâmpada

Sobre o vazio papel que o brilho ofusca tanto,

Nem a bela jovem amamentando o infante.

Partirei! Barco a balançar teus longos mastros,

Levanta âncora, à natureza exótica!

A Tristeza, aflita por cruéis desejos,

Ainda crê no adeus dos lenços das partidas!

Talvez, os mastros, convidando as tempestades,

São como os que os ventos inclinam nos naufrágios,

Sem qualquer mastro, rumo ou ilha salvadora...

Ó, meu coração, ouve o canto dos marujos!

